

## INVIBILIDADE/VISIBILIDADE – GUARANI PRÉ-COLONIAL EM GRAVATAÍ

**VERGARA, Antonio G.<sup>1</sup>; BARCELOS, Artur Franco<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – tche\_vergara@yahoo.com.br*

<sup>2</sup>*Universidade Federal do Rio Grande – arturbarcelos@hotmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

No contexto das disputas entre as Coroas ibéricas, a partir de 1762 famílias de guarani-missionários começam a ser transferidas para a Aldeia de Nossa Senhora dos Anjos, onde atualmente se localiza a cidade de Gravataí. Em abril de 1763, mais de 3.500 índios se encontravam na Aldeia dos Anjos, que pertencia à Freguesia de Viamão.

Na ocasião do estabelecimento dos índios em Nossa Senhora dos Anjos, já viviam aproximadamente 400 famílias nessa Freguesia. Portanto, já em 1762, não havia mais terras devolutas nas adjacências; por essa razão, os índios foram estabelecidos às margens do rio Gravataí. A instalação destes guaranis na Aldeia dos Anjos, na segunda metade do século XVIII, parece ter contribuído para a ideia de que esta seria a relação entre populações indígenas e as origens do município de Gravataí. Cria-se assim, um corte entre a presença indígena anterior a colonização portuguesa, substituindo esta pela presença dos guaranis transmigrados das reduções.

No empenho de observar porque a memória pré-colonial guarani ficou a sombra, e perceber como a história, a partir desse guarani reduzido e cristão, tomou o espaço na historiografia local, é possível adotar-se a ideia de Michel Pollak (1989), segundo a qual, ao privilegiar-se a análise dos excluídos, marginalizados e das minorias ressalta a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe à memória dita oficial, no nosso caso a memória guarani colonial.

Uma forma de acessar essa memória guarani pré-colonial é através da cultura material remanescente. Os objetos cerâmicos da cultura guarani podem ser concebidos como um fato, na medida em que isso é um símbolo da presença física dessa cultura antes da chegada do europeu à região. Trazer essa memória pré-colonial guarani novamente ao contexto historiográfico, discutindo o papel dos agentes sociais que contribuem para que ela não se perca outra vez, se torna relevante para o entendimento do porque da outra memória ter se estabelecido e não ter dado conta da ocupação da região como um todo (desde tempos pré-coloniais até a chegada do índio reduzido).

Logo, esse trabalho se propõe a verificar através de que formas narrativas a presença indígena, anterior a colonização portuguesa na região do atual município de Gravataí, está ausente na construção de uma História local. Entende-se como formas narrativas todos os meios pelos quais a história local é interpretada e estabelecida. Assim, tanto a documentação histórica, quanto a produção historiográfica e aquela produzida pelos estudos arqueológicos devem ser consideradas, chegando até a perspectiva museológica deste passado nos dias atuais.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

Essa pesquisa vai muito além da leitura de documentos e livros ou até visitar arquivos e Museus. O trabalho envolve um amplo esforço de buscar nas entrelinhas aquilo que geralmente a historiografia tradicional não conseguiu, ou não quis ver. Na perspectiva da História Cultural, é necessário para o historiador, não tomar o mundo e suas representações como se fossem réplicas ou cópias do real. E isso é importante na medida em que para esse trabalho objetiva ir além do que é dito, ver além daquilo que é mostrado para que no final o *“enigma seja decifrado”*. Então, é preciso o uso das noções do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (2009) e, num sentido mais amplo, a correspondência que este paradigma encontra na estratégia já apresentada anteriormente por Walter Benjamin: o método de montagem.

“(...) Baseando-se nas montagens cinematográficas, a partir das fotografias, que produzem o movimento, Walter Benjamin imagina para o historiador um caminho semelhante. É preciso recolher os traços e registros do passado, mas realizar com eles um trabalho de reconstrução, capazes de reproduzir sentido (...)” (PESAVENTO, 1986, p. 66)

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa foi dividida em três etapas de análises que se complementam e se entrelaçam. A investigação inicial foi realizada acerca da formação da historiografia brasileira no século XIX e suas principais influências, localizando a figura indígena (de maneira geral) nessa formação. Logo se abriu um novo subtítulo para discutir a historiografia gaúcha a partir da fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e o modo de fazer História nesse período, assim como, apresentando as correntes teóricas. Nesse ponto, buscou-se o índio guarani pré-histórico na História do Rio Grande do Sul em geral, e na região de Gravataí em particular, através das análises de diferentes obras que versam sobre História do Rio Grande do Sul e História de Gravataí.

Após esse estudo percebeu-se que a historiografia, nos dois sentidos de análise, não contemplou o guarani pré-colonial para Gravataí. No caso da historiografia sulina, diversos trabalhos apresentaram a história indígena à margem da formação social e cultural gaúcha. E os que se dedicaram a escrever sobre os índios guarani para a Aldeia dos Anjos, ou não deixaram claro uma possibilidade de ocupação anterior ao europeu ou não desejaram reservar um espaço para essa discussão, privilegiando outros pontos.

A segunda etapa de pesquisa, onde atualmente se encontra o trabalho, está orientada para buscar através da literatura arqueológica, dados de trabalhos realizados nesse sentido, traços de presença do Guarani pré-histórico no território gaúcho. Em seguida, será necessário observar se a arqueologia deu conta de representar o guarani pré-colonial na região de Gravataí.

Na última parte do trabalho a proposta é dissertar acerca do Museu Municipal de Gravataí. Buscando identificar seu papel como agente social na representatividade indígena pré-colonial na cidade através da sua expografia, momento fundamental para o fechamento da discussão.

## 4. CONCLUSÕES

Na historiografia gaúcha que por um motivo ou outro não apresentou de forma coerente os povos pré-históricos do Rio Grande, e quando foi buscada a visibilidade guarani em Gravataí, poucos historiadores preocuparam-se com esse recorte, até mesmo historiadores locais, quando o fizeram apenas lançaram elementos que davam conta do guarani cristianizado, não se pode deixar de referenciar aqui o “guarani de papel”. Em artigo publicado no Paraguai na revista “Acción”, em 1997, a pesquisadora Maria Cristina dos Santos fez uma análise da quantidade e variedade da produção de trabalhos acadêmicos sobre os guarani no Brasil. De acordo com a autora, a temática indígena nos trabalhos acadêmicos foi analisada a partir dos resultados das defesas realizadas no Programa de Pós Graduação em História da PUC-RS, com determinado recorte temporal que cobriu os anos de 1990-1997, gerando a expressão do “guarani de papel”. O estudo apontou para, dentre outros elementos, o período de maior produção acadêmica em torno da questão indígena na década de 1990. Embora esse fato do “guarani de papel” ser datado, não se tornou estanque. Talvez esse crescimento seja atribuído, conforme Santos, a ampliação institucional que envolvia esse tema. E aqui a autora traz concepções desse espaço institucional mais amplo na tentativa de buscar preencher “uma inequívoca lógica da falta (2009, p.293)”, justificando o interesse pela temática.

Dada a ausência existente na historiografia (regional e local) acerca da presença indígena guarani pré-colonial em Gravataí e das lacunas na literatura arqueológica, o presente projeto se torna relevante, já que poderá contribuir de alguma maneira para supri-las. Posto que, há no município a presença de cultura material encontrada na região, como também há indícios de uma possível ocupação pré-colonial nos registros dos jesuítas portugueses em algumas missões evangelizadoras pela região, é possível demarcar esta ocupação, para logo cotejá-la com as versões historiográficas. Esses dados encontram-se de forma dispersa e é nessa direção se quer desenvolver essa pesquisa. Mas não só no sentido de sistematizar tais informações, mas de articular todas as “peças” em composição, cruzando-as, de forma a estabelecer suas relações e significados. Na medida em que se incursiona pelo campo da construção da memória local, está contribuindo para sua compreensão como uma “construção”, onde estarão em jogo as noções de “verdade”, “tradição”, além do “esquecimento” e do “apagamento” de determinadas memórias em detrimento de outras.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AHRGS. *Os índios D’Aldeia dos Anjos de Gravataí – Século XVIII*. Porto Alegre: EST/ Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, 1990
- BASILE BECKER, Ítala I. *Anais do Simpósio sobre Cultura Gravataiense*. Do êxodo à composição étnica. Gravataí, v. 01, n. 01, p.6-8, jul. 1990. CDU 981.615
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Vertice, 1990.
- KERN, Arno; SANTOS, Maria Cristina dos; GOLIN, Tau. (Org.). *Povos Indígenas: coleção História Geral do Rio Grande do Sul*. 1 ed. Passo Fundo: Meritos, v.5, 2009.
- LANGER, Protásio Paulo. *A Aldeia de Nossa Senhora dos Anjos*. IN: Resistência do Guarani missionário ao processo de dominação do sistema colonial luso (1762-1798). Porto Alegre: EST Edições. Correio Rio Grandense. 1997.

POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento, silêncio*. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1989, v. 2, n. 3.

ROSA, Jorge. *História de Gravataí*. Gravataí, SMEC, 1987.